

História de vida e formação docente na Educação Profissional: relato de caso

RESUMO

Helen Regiane Martinez

helmart@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3399-5492>

CEETEPS, São Paulo, São Paulo,
Brasil

Priscila Claudia de Jesus

Antunes Baumann

priscila@baumann.net.br

<https://orcid.org/0009-0009-0841-6856>

CEETEPS, São Paulo, São Paulo,
Brasil

Rodrigo Avella Ramirez

Roram1000@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8468-2851>

CEETEPS, São Paulo, São Paulo,
Brasil

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida. Tem-se como enquadramento teórico-metodológico as histórias de vida em formação, baseados nos estudos de Marie-Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza, Franco Ferrarotti, Antonio Novoa e Mathias Finger, com a utilização da ferramenta de entrevista narrativa semiestruturada. As pesquisadoras objetivaram validar os saberes teóricos em sua prática, colocando-se como atoras da cena formativa. A pesquisa de história de vida em formação docente traz inúmeras reflexões sobre o lugar de fala do professor acerca de sua formação acadêmica e prática. Como um saber em construção, este artigo pretende participar do desenvolvimento da abordagem metodológica. O estudo conclui que as histórias de vida são uma importante ferramenta de autoconhecimento e de formação, e que podem ser utilizadas em um processo de desenvolvimento profissional docente em uma instituição de Educação Profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa (auto) biográfica. Entrevistas narrativas. Histórias de vida. Educação. Formação docente

INTRODUÇÃO

Este texto surge das discussões e reflexões sobre as narrativas de histórias de vida e seu potencial formador, em longas conversas sobre como algumas situações nelas haviam sido responsáveis pelo percurso formativo de cada uma das autoras. Essas conversas tornaram-se indagações de pesquisa.

Para Novoa e Finger (2010): “A formação de formadores têm sido um dos domínios privilegiados de aplicação do método biográfico”. (p.24) Ela investiga a formação de um jeito próprio, identificando as estratégias do formador e facilitando as definições de saberes envolvidos no processo, pela voz do narrador docente.

Na entrevista narrativa, método desenvolvido nos anos 70 pelo sociólogo alemão Fritz Schutze, são exploradas narrativas “improvisadas”, gerando uma análise posterior. Uma variante deste método seria a Entrevista Narrativa Autobiográfica, com a diferença que neste modelo o entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de uma questão.

Neste artigo, dois personagens assumem papéis importantes na pesquisa das narrativas (auto) biográficas e nas histórias de vida – a entrevistadora e a narradora. As pesquisadoras objetivaram validar os saberes teóricos em sua prática, colocando-se como atores da cena formativa. Os estudos aqui referidos são feitos com base em uma experiência vívida de formação profissional docente, norteados por uma concepção de indivíduo que se constrói social e culturalmente, na relação com o outro, sem perder sua subjetividade, tão valiosa na análise de sua história de vida.

A escolha do método deve estar vinculada ao processo de produção de conhecimento, ou seja, ao que o pesquisador quer saber. Neste artigo, as pesquisadoras desejaram saber como a história de vida, narrada pela professora, influenciou em sua formação docente para o Educação Profissional, que possui por natureza um processo formativo menos formal do que o processo formativo da educação básica propedêutica. O professor da Educação Técnica nem sempre cursou uma Licenciatura, como é comum nas disciplinas da educação chamada aqui como convencional, e tem muito de sua formação construída na prática profissional.

A pesquisa de história de vida em formação docente traz inúmeras reflexões sobre o lugar de fala do professor acerca de sua formação acadêmica e prática. O artigo, então, tem por objetivo analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida, utilizando o método das narrativas e entrevista semiestruturada.

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se com um levantamento sobre o referencial teórico e metodológico; na sequência, o relato de história de vida da docente por meio de uma entrevista narrativa; em seguida, a análise da narrativa da docente tendo em vista a sua formação para a docência na Educação Profissional à luz da teoria de história de vida e, por fim, as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este texto surge das discussões e reflexões sobre as narrativas de histórias de vida e seu potencial formador, em longas conversas sobre como algumas situações nelas haviam sido responsáveis pelo percurso formativo de cada uma das autoras. Essas conversas tornaram-se indagações de pesquisa.

Schutze inseriu estruturas e processos pessoais e sociais no método de pesquisa, pressupondo que há uma “profunda relação entre desenvolvimento da identidade de um indivíduo e suas versões narrativas de experiências históricas de vida”. (Schutze, 2007, p.8). Observa-se que, quando uma pessoa narra sua história, também a constrói, dando significado através de reflexões que não seriam possíveis de outra forma. Para analisar e interpretar a entrevista narrativa, Schutze utiliza da via reconstrutiva, reconstruindo eventos e processos biográficos do narrador em suas inter-relações. Para o autor, as relações entre os cursos factuais dos processos são muito importantes, e são mais do que questões subjetivas do narrador, elas constituem um alinhamento entre fenômenos estruturais do texto, tais como: introdução, palavras-chave, detalhamento, construções de fundo com processos biográficos como etapas da vida, eventos-chave, linha biográfica, permeado de circunstâncias externas ao indivíduo, que podem levá-lo ou não a modificar sua trajetória. Com base nas análises das narrativas, o pesquisador constrói um modelo teórico que parte da trajetória biográfica de indivíduos de certos grupos e contextos sociais, tais como gênero, idade, condição socioeconômica, condição profissional, etc.

Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica da história oral. Em pesquisas na área de educação, adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação, como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras. Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização. (p.67)

Nesse artigo, fundamentamo-nos com o pensamento de pesquisadores interessados nas histórias de vida e seus impactos na formação do docente. Marie-Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza, Franco Ferrarotti, Antonio Novoa e Mathias Finger, alicerçam nossas reflexões durante o percurso da escrita.

A ideia de sujeito que atrela suas experiências de vida à sua formação profissional, sendo autor e sujeito de sua formação, nos interessa particularmente, pois ela dá ao a este sujeito o status de responsabilidade sobre suas práticas de aquisição de conhecimento, por meio de experiências formadoras desse adulto, autônomo, em processo de autoconhecimento contínuo, em busca de sentido para seu fazer, e que reflete seu existir na cultura e na sociedade com sua narrativa. A formação aqui se dá como consciência da história de vida e pode ser considerada atributo do sujeito.

(...) a abordagem biográfica é um instrumento ao mesmo tempo de formação e de pesquisa, de uma prática de pesquisa-formação como apoio a uma pedagogia de autoformação e do projeto que se baseia na experiência de vida dos aprendentes. (Josso, 2010, p.133)

Para Josso, a aprendizagem do adulto se dá em situação de formação continuada, advinda de diversas experiências refletidas. A narrativa de formação do pesquisador, mais suas escolhas e percurso intelectual ou técnico, e suas práticas de seus conhecimentos fazer emergir o sujeito no método biográfico:

(...) os saberes instituídos se apresentam como referenciais que têm lugar e sentido na singularidade do percurso de vida do pesquisador e que alimentaram, por sua vez, a dimensão formadora de suas experiências. (Josso, 2010, p. 19)

A metodologia das histórias de vida está totalmente atrelada às experiências significativas e a capacidade de auto-observação e reflexão dos processos de conhecimento e aprendizagem envolvidos, onde as experiências significativas se tornam fontes de questionamento das ideias originais. “A evolução da minha relação com a teoria e com as práticas de conhecimento me permitiu reformular minhas interrogações de docente”. (Josso, 2010, p.31)

Não é uma simples questão subjetiva, ou que se perde na história de vida, pois há uma intencionalidade que subordina toda a reflexão: o processo de formação do sujeito enquanto docente. É uma reflexão com intencionalidade, que pode ou não ser percebida pelo sujeito narrador, mas que deve ser pontuada pelo entrevistador ou interlocutor(es).

Segundo Josso (2010), a formação pode ser pensada como uma socialização, já que pela educação, transmite-se o conhecimento acumulado pela humanidade às novas gerações. A formação, então, seria uma maneira de perpetuar e garantir a evolução da cultura através da educação. A formação também permite ao sujeito adulto já primariamente socializado, promover mudanças que vão além de sua adaptação ao mundo, mas que concretizam necessidades psicológicas mais refinadas, ligadas a realizar-se no mundo ou elaborar sentidos. Nesse aspecto a formação vai além da aquisição de conhecimento, mas está ligada a um projeto, produção de vida e elaboração de sentidos para o que se vive na experiência. Para Ramirez (2014), “Nas narrativas é possível evidenciar os tipos de aprendizagem e as estratégias usadas para aprender”. (p.18)

Dominicè e Pineau (2006) utilizam a abordagem biográfica para falar da autoformação. A prática educativa é, para os autores, formadora por si. Quando narradas, sistematizadas, organizadas, refletidas e elaboradas, ganham o status de um instrumento poderoso de formação. Pineau e Dominicè evidenciam que a prática biográfica tem o objetivo de contribuir para a emergência de um campo chamado transdisciplinar, que trata a formação como ruptura com tudo o que se pensou na Universidade sobre Educação, elaborando sobre o material da experiência o conceito do processo de autoformação.

Escrever ou falar sua vida transforma-a de matéria-prima esmigalhada em fragmentos biológicos, sociológicos, psicológicos, em matéria segunda

formada, isto é, unificada, sintetizada, simbolizada segundo certos sentidos. (Josso, 2010, p. 187)

A importância da pessoa do professor nos estudos sobre formação docente vem chamando a atenção de pesquisadores interessados em ouvir o que o professor tem a dizer sobre sua carreira, percurso profissional e sobre como se dá sua formação especificamente na educação profissional.

(...)o interesse pelo estudo dos aspectos subjetivos envolvidos na vida dos atores sociais não se apresenta como preocupação específica da área da educação pois, tal como se tentou indicar nos parágrafos anteriores, esse interesse é a expressão de um movimento mais geral, que diz respeito às mudanças paradigmáticas e às rupturas que se operam no âmbito das ciências sociais no decorrer do século XX. (Bueno, 2002, p. 14)

De acordo com Bueno (2002), essa ênfase na pessoa do professor iniciou na década de 1980, trazendo à luz a questão da subjetividade, que até então era desconsiderada.

ENTREVISTA

A entrevista foi realizada no dia 17 de julho de 2023, às 10h, por meio de uma chamada de vídeo gravada, utilizando o aplicativo Teams da Microsoft, e transcrita pela entrevistadora posteriormente. As perguntas foram elaboradas com base nas leituras de Marie-Christine Josso (2010), acerca da história de vida e formação docente e construídas de maneira semiestruturadas. As histórias de vida são contadas a partir das referências do sujeito. Segundo Josso: “A corrente pedagógico-biográfica utiliza, pois, as relações dialéticas entre passado e futuro que se praticam no presente”. (Josso, 2010, p.134). Elizeu Clementino de Souza destaca que essa relação através da memória ocorre em um tempo que não é linear, mas no tempo da consciência de si, que é o tempo das narrativas:

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. (Souza, 2007 p.63)

Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado. (...) na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa de sua vida (...). (p.66)

A entrevistada é Professora de Educação Profissional do Curso Técnico de Nível Médio em Administração, responsável pela disciplina Gestão de Pessoas, atuando há cinco anos em um Colégio Particular paulistano que oferece a EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o Ensino Técnico de Nível Médio

Profissionalizante no período noturno como filantropia. A entrevistada é formada em Arquitetura e em Psicologia, cursou especialização em Teoria Psicanalítica e atuou por mais de vinte anos na área de Recursos Humanos em empresas privadas. Atualmente cursa o Mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. A entrevistadora é Pedagoga, cursou MBA em Gestão Estratégica de Negócios e Pós-graduação em Docência no Ensino Superior, e cursa o mesmo programa de Mestrado. Ambas estão pesquisando a metodologia narrativa e histórias de vida, sob supervisão do mesmo orientador de Mestrado, e ocupam, neste artigo, o papel de pesquisadoras e sujeito de pesquisa.

Por meio das reflexões, expressas em narrativa durante a entrevista, este artigo busca evidenciar o percurso do sujeito narrador, como este o levou a elaborar e refletir sobre sua prática e formação, e qual a importância de suas reflexões serem compartilhadas como formativas para outros docentes.

ANÁLISE DA ENTREVISTA E HISTÓRIA DE VIDA

Por meio das narrativas de história de vida, é possível acompanhar caminhos percorridos pelo narrador: lugares, contextos históricos e econômicos de uma determinada época, além de impressões reflexivas sobre sua atuação, no caso como docente. O autoconhecimento que é elaborado pelo ato de narrar. Importante ressaltar que a história de vida não é linear, já que se trata de uma fala autobiográfica; ela resgata acontecimentos do passado para atualizá-los de acordo com questões do presente. Também busca situações futuras que dão suporte a este presente para assim elaborar reflexões sobre percursos, no caso do artigo, formativos docentes. Segundo Passeggi (2016), o indivíduo é concebido em um contexto cultural e social, sofre influências e age de forma a influenciar outros, sem perder suas características singulares, numa constante relação entre os outros e com o mundo. Desta forma, os estudos que se baseiam em narrativas autobiográficas devem considerar esta concepção de indivíduo.

Esta análise de entrevista fundamenta-se nos três níveis de experiências formadoras desenvolvidos por Marie-Christine Josso (2007), que busca evidências de processos de formação, processos de conhecimento e processos de aprendizagem.

A docente entrevistada evidencia questões importantes de reflexão ligadas ao seu percurso formativo. Ao ser questionada sobre seu percurso na Educação, traz questões não só de sua aprendizagem docente, mas também sobre quem é enquanto sujeito, sua formação como pessoa no mundo, sobre sua identidade, e a identidade do “professor”.

“Então, a docência é uma coisa né, a figura do professor, é uma coisa que me acompanha desde a infância... Tenho muitas recordações de uma figura de sabedoria, de uma identidade profissional que me atraía bastante. Durante o meu percurso no RH, como eu trabalhava com a área de desenvolvimento e treinamento de pessoas e eu ficava muito em sala de aula, eu comecei minha carreira de RH como Instrutora de Treinamento,

então eu era uma professora da educação informal, corporativa. Então, nossa, como eu desenvolvi essa questão de flexibilidade, de jogo de cintura e de lidar com pessoas efetivamente, quando você toca no assunto, meus treinamentos sempre foram comportamentais, liderança, enfim, essas coisas...”.

O professor do futuro que ocupa o lugar de sabedoria, de admiração da entrevistada e a professora que ela vai se tornando pelo viés da educação informal vão se alinhando no seu relato. As duas figuras dão contorno a sua identidade: ela se diz comunicativa, flexível, com foco em pessoas. Algumas competências necessárias para a docência vão se delineando, ainda que no lugar da “educação informal” (dita pela entrevistada). Passeggi (2011) considera a consciência histórica fundamental para compreender e construir uma imagem de si como um sujeito situado no tempo e na história.

“E fiquei por quase 20 anos trabalhando dentro da área de RH. Mais especificamente na área de desenvolvimento de pessoas. Eu cliquei por uns 5 anos depois da faculdade, mas eu tinha um objetivo muito claro de comprar apartamento, de ter uma vida financeira mais sólida, independente, e segura, na medida do possível, e a clínica é muito instável, né? Financeiramente dizendo. E aí eu enveredei aí para a área de RH, que é uma área de atuação do psicólogo, dentro de empresa é uma área que, financeiramente, compensa bastante. Eu parei de trabalhar na empresa durante 2 anos, tive uma experiência de educação informal numa ONG. Senti muito o baque financeiro e voltei para a empresa. Então nesses 20 anos (de RH em empresas), eu dei uma respirada fora, vi como era e voltei. Mas é, é claro que eu acho que isso estava no meu destino profissional. Só estava desencaixado de hora e lugar. E aí passou mais alguns anos e eu estruturei melhor essa ideia, eu saí da empresa, eu fiz um intercâmbio, fiquei fora um tempo e quando voltei pude, devido há tantos anos trabalhando, com um pé-de-meia, consegui ficar um ano sem trabalhar, estudando o que fazer. Voltei para a educação informal. Em ONG, voltei a ensinar adolescentes sobre o mercado de trabalho. E vi que aquilo era a minha pegada”.

Aqui a entrevistada parece ter construído na narrativa o lugar da educação e seu percurso não linear. Passou pela clínica da Psicologia logo ao terminar a Faculdade, pelo Recursos Humanos de empresas, condicionada por questões financeiras, e nesses lugares foi construindo a formação que pensava ser suficiente para a docência no futuro. Nesses lugares pelos quais construiu sua formação, as ONGs parecem ter uma atenção especial nas palavras da entrevistada no que diz respeito a relação professor/aluno, que fica mais clara e toma corpo na sua formação. Segundo Josso (2007) todo projeto de formação transpassa as questões da existencialidade e da identidade, tanto a identidade para si quanto a identidade para os outros. Para ela, é possível trabalhar essas questões fazendo uso de análise e de interpretação de histórias de vida escritas, o que evidencia o quanto essas identidades são plurais. Os lugares educativos têm o papel de acolher pessoas que nutrem expectativas não apenas formativas, mas também de exercer um papel na sociedade, de posicionar-se nela, apesar

das mutações e problemáticas que surgem constantemente. As expressões da identidade através das histórias de vida possibilitam este alcance.

Após a construção do caminho, a entrevistada pôde fazer vínculos mais claros de sua formação já como docente. Neste momento da entrevista, é relatado o momento em que toma posse do lugar de professora. Para ela, a educação formal parece ser detentora desse lugar. E quando assume uma posição formal como professora em escola, passa a admitir a identidade docente como sua.

“(…) me inscrevi para uma vaga de Professora de Gestão de Pessoas. De RH dentro do curso de Administração. Educação Profissional noturno e passei no processo. O processo é interessante, porque tinha todo o percurso de um professor: planejamento, apresentar uma aula, dar uma aula etc. E aí eu virei professora de verdade. Isso faz 5 anos. Professora de educação formal de educação profissional para adultos. E aí eu me encontrei, falei, puxa, isso nessa fase da minha vida e com todo esse meu percurso que me trouxe até aqui, é isso que eu quero fazer. E aquilo me encantou de uma forma que participando de um Congresso, escrevi um artigo sobre minha experiência profissional e desse artigo, discutindo com o diretor da minha escola que me apoiou com muito carinho, saiu um projeto de mestrado. Daí procurei o local que mais acolhesse esse projeto que é de educação profissional e comecei”.

A entrevistada parece ter feito boas reflexões acerca do que a mantém como profissional da educação: a autoformação. Ela inclusive cita a palavra em sua narrativa. E, depois a conceitua como atrelada a curiosidade, a busca de ferramentas e a fonte de aprendizagem que parece mobilizá-la bastante: a que se dá na relação com o aluno.

“Curiosa, eu leio muita coisa, muita, sempre li, e, sempre fiz uma autoformação, sempre me guiei muito pelos meus alunos, eles me conduzem, né? Eles dizem o caminho que eu tenho que seguir, e aí eu vou buscar ferramentas. Um exemplo disso: Sei lá, vou dar aula e são realidades tão diferentes da teoria. Meus alunos vêm de uma situação de vulnerabilidade social e econômica. Lidar com uma realidade que não foi a minha, como profissional de RH, onde eu trabalhava em empresas que tinham que contratavam outro público, mas que é a minha realidade agora. E que talvez seja a nossa no Brasil agora, com tanta precarização. Então, meus alunos me guiam muito na minha formação. É... minhas leituras”.

A transição se deu de forma consciente e refletiu na busca de novos aprendizados para atuar na Educação. Uma vez que a entrevistada deixa a carreira corporativa e a educação informal para lecionar em uma escola como professora de Educação Profissional, ela busca uma formação clássica e à altura: o Mestrado em Educação.

“O mestrado, é buscar uma confirmação disso, né, teórica(…)”.

Para Passeggi (2016), os avanços na formação de professores serão suficientes somente após a compreensão de que o professor é um adulto em formação, que tem experiências, que consegue refletir sobre si e que, através de

sua fala, pode contribuir muito mais do que a atual produção científica sobre a escola.

Também existe uma projeção de construção de carreira com base em uma lacuna que a entrevistada pontua como sendo a ausência da formação mais pedagógica, quando ela cita a licenciatura. Neste momento de sua carreira, ela sente falta da base pedagógica ou das possibilidades de ampliação de atuação que esta formação o pode trazer. Ao longo de todo seu percurso narrativo, a entrevistada entrelaça sua formação identitária com a formação profissional, para ela, ambas parecem alinhavos da mesma história de um sujeito em formação holística. E mostra isso na narrativa ao refletir sobre os condicionantes da carreira.

“Os fatores (que permitiram a migração da carreira corporativa para a docência), acho que a idade, ir para a educação de alguma forma, é uma coisa que me sondava, eu vivia pesquisando coisas, pós-graduações, estava sempre esbarrando nisso, mas eu achava que eu ainda tinha tempo. Mas a idade foi chegando e isso foi um fator decisivo. Olha, tem que ser agora, não dá mais para adiar. É, a possibilidade financeira de eu perder um certo conforto, já era possível eu me deslocar. Eu já tinha realizado aquele primeiro sonho de comprar o meu apartamento. Isso era muito importante para mim. Então eu tenho onde morar, isso é fundamental, a partir daqui eu posso arriscar um pouco mais. Então, isso também influenciou e eu acho que o fim de um ciclo mesmo, né? O ciclo empresa, ele chegou ao fim, e eu entendi. Entendi que na empresa aprendi muita coisa técnica da área de recursos humanos eu precisava saber pra poder dar aula. Eu entendi isso finalmente. Então, essa vivência que se deu aí nesses 20 anos se encerrou de uma forma consciente”.

Durante a narrativa é possível perceber momentos em que as reflexões viram verdadeiros insights sobre sua condição. Acima, quando fala sobre os ciclos, e na sequência quando reflete sobre como foi narrar sua história para a entrevistadora.

“Sim, sim, agora falando sobre elas, faz muito mais sentido até. Me vem reflexões que eu acho que eu vou seguir com elas depois dessa conversa, sobre como eu me coloco diante dessas situações, né? O que é meu, é um jeito meu de ser, de estar, mas que me trouxe até aqui, sem dúvida, e que fez o meu caminho desse jeito. Esse percurso, que não é linear, nunca foi. Mas é um percurso guiado por curiosidade, por muita prática, por experiência, e reflexão sobre experiência. Acho que falar sobre isso, me traz esse assunto de uma forma profunda, assim, de, nem consigo te dizer o quanto agora vou ter que refletir alguns dias sobre isso, né? É mexer numa coisa que não estava organizada dessa forma, né? Agora, ela ficou um pouco mais estruturada de uma forma que eu possa pensar nela de um jeito diferente”.

É possível notar que a partir do momento em que a entrevistada assume o lugar de professora, da forma como ela considera ser, começa a ver uma projeção de carreira para o futuro, que está totalmente entrelaçada pela força de

sua experiência docente com alunos adultos vulneráveis sócio e economicamente. Parece haver uma identificação direta de cunho ideológico, que surge também no decorrer da narrativa:

“Isso eu não aprendi em nenhuma empresa, então, que isso é um grande meu diferencial, talvez para estar hoje, onde eu estou, na escola que eu estou, que é uma escola bastante humanista, crítica, etc., que é essa questão do trabalho, da precarização, do futuro do trabalho, isso sempre são coisas que eu vivenciei no paralelo da minha vida, né, na experiência do dia a dia, e na observação da experiência, na reflexão sobre ela o tempo todo. É, uma crítica bastante aguçada sobre mercado de trabalho e as experiências que eu tive com adolescentes em sala de aula mesmo, onde eles me chamavam de professora, apesar de eu estar no local de Instrutora na educação informal, mas onde eu pude ocupar um pouco disso, esbarrar nisso e entender a relação aluno professor. Como é fundante. Antes de assumir de fato a identidade, entender como essa relação se dá, quais são as possibilidades, os limites dela. E eu acho que o tudo isso foi uma grande prática, uma grande experiência que veio muito antes de eu conhecer autores que falavam sobre ela”.

“(…)eu trabalhava em empresas que tinham outra realidade, contratavam outro público, mas que é a minha agora, né? E que talvez seja a nossa no Brasil agora, com tanta precarização. Então, meus alunos me guiam muito na minha formação”.

“Em ONG, voltei a ensinar adolescente. Sobre o mercado de trabalho. E vi que aquilo era a minha pegada”.

Para Josso (2007), o ato de contar histórias não é sinônimo de repeti-las, mas de retomá-las parcialmente, sob a perspectiva do tempo presente e considerando o contexto sociocultural e sócio histórico.

Aqui temos o posicionamento ideológico da entrevistada, que encontra fundamento em sua subjetividade. Assumido em sua narrativa, a professora parece ser humanista, e está inserida na educação profissional de população vulnerável economicamente, preparando alunos para um mercado de trabalho que coisifica o ser humano. Isso parece ser uma questão para ela. Como nos diz Ferrarotti (2010): “Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica de sua subjetividade”. (p.42)

“O mestrado, é buscar uma confirmação disso, né, teórica. E agora, conversando com você me surgiu, né, a questão que eu busco algum tempo, que é a minha busca pela licenciatura, que é um caso à parte. Eu sinto que eu preciso ter uma licenciatura, eu não tenho. Mas eu também não sei exatamente onde eu quero me licenciar. Talvez na sociologia, nas ciências sociais. É uma coisa que é para o ano que vem, já para depois do mestrado. Mas é uma coisa que eu acho que vai, de fato, fincar minhas raízes como professora, eu ter essa licenciatura”.

Neste trecho a entrevistada reflete sobre sua formação como Professora de Educação Profissional, tendo já clara a ideia de que ela começou na empresa, na educação informal, mas já fazendo parte de sua identidade docente. Aponta também uma necessidade de formalização desta formação, até para continuidade de sua carreira. Essa questão da educação formal e informal é muito pertinente ao contexto em que se encontra a docente: a Educação Profissional, mas a escolha pelas ciências sociais como formalidade que comprova sua identidade de professora foi construída durante sua história: a inquietação na empresa, a escolha por um trabalho docente com alunos vulneráveis sócio e economicamente, em ONGs, os questionamentos sobre mercado de trabalho tendo em vista sua disciplina de Gestão de Pessoas. Tudo parece configurar um percurso, que corrobora os estudos de Souza (2011), nos quais se evidenciam que as relações de poder e territoriais se cruzam com as histórias de vida, as escolhas profissionais e as narrativas, e se articulam através de ações coletivas, experiências sociais e expressões de identidade e de subjetividade nos diferentes espaços.

É possível observar que, mesmo tendo o lugar de professora assegurado, a entrevistada busca a continuação de sua formação, e entrelaça a questão profissional com sua identidade e crenças pessoais. Professora passa a ser quem ela é, e este papel, para ela, está ligado a questões sociais, num entendimento bastante particular que se deu em sua história.

Josso (2007) destaca que a concepção de formação experiencial completa as categorias tradicionais das ciências do humano, porque oportuniza voz e lugar às vivências, às reflexões, às tomadas de consciência. Passeggi (2011) compreende o ato de narrar como a ressignificação das experiências que incide sobre a reinvenção de si.

Ainda sobre o entrelaçamento de sua história com sua formação, a entrevistada, já no final da entrevista, toma uma postura bastante autoral, conseguindo se inserir em um processo formativo específico e tomar distância para criticá-lo também. Uma posição mais amadurecida diante de sua carreira e lugar como docente.

“Eu tenho o privilégio de trabalhar numa escola que tem esse olhar, né, humanizado e preocupado com a filantropia, com o público que eu atendo. É, então sim, temos reuniões pedagógicas que realmente são efetivas, semanais, que discutem questões interessantes. Eu aprendi muito nessas reuniões, aprendi muito da parte teórica da minha, da minha profissão. Aprendi muito com colegas veteranos. Eu acho que elas são, em quantidade, em tempo muito pouco, né? Na verdade, nós discutimos casos emergentes e quando você vê, acabou o tempo da reunião, mas tem tanta coisa para falar ainda, então é, não tenho tempo para trocar com os meus pares, né? Para sentar só com eles e falar, olha, como é que foi tua aula essa semana? O que que você viveu, o que que você faz isso? Eu acho que seria muito gratificante, interessante, formador. Mas a minha ideia de suficiente é bastante utópica neste país, né?”

Josso (2007) atrela o conceito de identidade as dimensões do “eu”, sendo a dimensão profissional uma delas. A entrevistada, o tempo todo em sua narrativa, mostra um percurso que vai muito além do profissional em sua carreira, mas que busca uma identificação com a figura do professor da infância, o que detém a sabedoria, o exemplo e inspiração de sua busca. Neste aspecto, Josso (2007) destaca que o conceito de identidade traz consigo uma problemática que perpassa toda a vida, como uma tensão entre as pressões vividas em sociedade e a evolução dos sonhos e aspirações de cada pessoa, além de definir as múltiplas dimensões de cada um. Questões como a base da formação profissional específica do docente de educação profissional sob o aspecto técnico, e identitário. As questões que determinaram o percurso profissional, relativas a autoconhecimento e condicionantes sociais. A formação do professor de educação profissional na educação formal e informal e os impactos em sua identidade profissional. A possibilidade de compartilhamento de formação com grupo através da história de vida e sua potência formativa. Todos esses aspectos foram possíveis de serem observados na narrativa da entrevista realizada.

Para Josso (2007), o trabalho biográfico sobre histórias narradas de formação é um dos caminhos para a transformação dos destinos socioculturais e sócio históricos. Subjetividades são libertadoras do processo sócio histórico social. Poder contar sua história e refletir sobre ela, libera o sujeito adulto para construir sua identidade de forma autônoma, consciente e amadurecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida refletidas têm o poder de transformar, tem um papel formador a partir do momento que vão fornecendo ao narrador reflexões sobre seu percurso, e ele vai tomando consciência dos trajetos escolhidos e projetando novos caminhos.

As histórias de vida permitem uma investigação, enquanto método, onde o sujeito assume responsabilidade sobre seu lugar de fala, sua identidade profissional e sua formação. Nelas, o saber docente é construído pelo próprio docente, em sua narrativa baseada em experiência vivida e refletida na fala. Isso, compartilhado com outros professores e outras histórias de vida, tem caráter fundamental para a prática da formação docente. São saberes diversificados, que principalmente no caso da educação profissional têm origem muito distintas e merece uma sistematização coerente com a história da construção desses saberes, narrada pelo docente.

Por meio da evocação dos momentos de vida escolhidos e narrados pela entrevistada, dá-se um desenrolar de reflexões sobre sua carreira docente, que envolve questões como inspirações pessoais, transição de lugares, educação informal e formal, a presença do aluno como fonte de formação, a continuidade dos estudos e da formação para o futuro. Todas essas reflexões culminam na possibilidade de expansão, de troca entre pares, com relação à experiência da prática como sendo fonte importante de formação para esta professora, não só como profissional, mas também fazendo parte de sua identidade. A história de outros passa a ser referência no seu percurso e vice-versa.

Toda experiência humana pode ser narrada. As histórias de vida contadas, além de configurarem uma comunicação entre pessoas parece ser uma necessidade humana em diferentes lugares e fases da vida. É através da narrativa que as pessoas se lembram dos acontecimentos e ressignificam o vivido.

Pensar a educação, é manter sua história viva capaz de produzir discussões que estejam conectadas intimamente com seus atores, com a força na qual ela se constrói na sua rotina diária. Se toda experiência humana pode ser narrada, porque não a ouvir de forma a tornar essa narrativa fundante da experiência, no seu aspecto formativo.

Este artigo buscou evidenciar o percurso do sujeito narrador, como este o levou a elaborar e refletir sobre sua prática e formação, e qual a importância de suas reflexões serem compartilhadas como formativas para outros docentes. Em todas as etapas realizadas, foi possível observar que a experiência de narrar a própria história, assim como a de ouvir a história e transcrevê-la impactaram as participantes, motivando reflexões e análises aprofundadas de suas vidas como professoras em formação, que vão além das questões profissionais e educacionais.

O artigo, então, demonstra seu objetivo inicial de analisar o processo de formação de uma professora de educação profissional a partir de sua história de vida. Na experiência de vida, relatada em forma de narrativa a entrevistada mostra claramente que a caminhada para si, suas autodescobertas refletidas durante a entrevista, confluem na construção de sua identidade e formação profissional. Mostra também seu processo de formação atrelado ao conhecimento.

O impacto positivo das entrevistas e análises foram muito importantes para a professora entrevistada, fazendo muito sentido em relação a sua formação que está em andamento. Assim, este trabalho não pretende esgotar as questões relacionadas à história de vida como ferramenta de formação, mas pensamos que esta discussão pode ser potencializada se for levada ao colegiado da instituição e sistematizada como forma de contribuição e desenvolvimento profissional docente de seus pares.

Life history and teacher training in Professional Education: case report

ABSTRACT

This article aims to analyze the training process of a professional education teacher upon her life story. The theoretical-methodological framework is life stories in teacher education, based on the studies of Marie-Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza, Franco Ferrarotti, Antonio Novoa and Mathias Finger, having resorted to semi-structured narrative interview. The researchers aimed to validate the theoretical knowledge in their practice, placing themselves as actors in the formative scene. The research of life history in teacher education brings numerous reflections on the teacher's stance about his academic and practical training. It is still a theory under construction, and this article intends to cooperate for the development of those who work with this approach. The study concludes that life stories are an important tool for self-knowledge and training, and that they can be used in a professional development process for teachers in a Professional Education institution.

KEYWORDS: (Auto).Biographical research. Narrative interviews. Life stories. Education

Historia de vida y formación docente en Educación Profesional: reporte de caso

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de formación de una docente de educación profesional a partir de su historia de vida. El referencial teórico-metodológico son las historias de vida en formación, a partir de los estudios de Marie-Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza, Franco Ferrarotti, Antonio Novoa y Mathias Finger, utilizando como herramienta la entrevista narrativa semiestructurada. Las investigadoras tuvieron como objetivo validar los conocimientos teóricos en su práctica, colocándose como actores en el escenario formativo. La investigación de la historia de vida en la formación docente trae numerosas reflexiones sobre el lugar del discurso del docente sobre su formación académica y práctica. Como conocimiento en construcción, este artículo pretende participar en el desarrollo del enfoque metodológico. El estudio concluye que las historias de vida son una herramienta importante para el autoconocimiento y la formación, y que pueden ser utilizadas en un proceso de desarrollo profesional de los docentes de una institución de Educación Profesional.

PALABRAS CLAVE: Investigación (auto)biográfica. Entrevistas narrativas. Historias de vida. Educación. Formación docente

REFERÊNCIAS

- BUENO, Belmira B. **O método autobiográfico e os estudos com as histórias de vida dos professores: a questão da subjetividade.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v28, n. 1, 2002.
- BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara e SOUZA, Maria Cecilia C.C. de. **Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores.** Psicol. USP [online]. 1993, vol.4, n.1-2, pp. 299-318. ISSN 1678-5177.
- DOMINICÉ, P. **A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos.** In: NÓVOA, A; FINGER, M (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988.
- FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O Método (auto) biográfico e a Formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 2014, p. 29-56.
- JOSSO, Marie Christine. **O Caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores.** Entrevistador: Margarete May Berkenbrock-Rosito Revista @ambienteeducação, SP, v. 2, p.136-139, ago/dez.2009.
- JOSSO, M. C. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação.** In: NÓVOA, A; FINGER, M (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988.
- JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre, 2007.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** Ed. Educa Formação Lisboa, 2002.
- JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si.** Porto Alegre. EDIPUCRS, 2010.
- NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (Auto) biográfico e a Formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 2014.
- PASSEGI, M. C. **Experiência em formação.** Educação, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.
- PASSEGGI, M. C. **Narrativas da Experiência na Pesquisa-formação: do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico.** Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67–86, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- PASSEGGI, M. C. , NASCIMENTO, G. e OLIVEIRA, R. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação.** Revista Lusófona de Educação 2016.

PINEAU, G. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação.** In: NÓVOA, A; FINGER, M (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 2014.

PLEZ SILVA, A.; MORETTO, M. **Uma análise benjaminiana da entrevista narrativa com professores: retomando a experiência.** Linhas Críticas, 27, e36158. 2021

RAMIREZ, Rodrigo Avella. **Histórias de vida na formação do professor.** São Paulo. Centro Paula Souza, 2014.

SCHÜTZE, F. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa.** In: Weller, W.; Pfaff, N. (Orgs.). Metodologia da pesquisa qualitativa em educação. (pp. 210-238). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação** In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs). Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, E. C. (2011). **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida.** Educação, 34(2). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707>. Acesso em: 19 jul. 2023.

Recebido: 28 julho 2023

Aprovado: 07 set. 2023

DOI: 10.3895/rtr.v8n0.17351

Como Citar: MARTINEZ, H. R.; BAUMANN, P. C. J. A.; RAMIREZ, R. A. História de vida e formação docente na Educação Profissional: relato de caso. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17351, p. 1-17, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Helen Regiane Martinez

helrmart@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

